

CONTRIBUIÇÕES DE JOÃO WANDERLEY GERALDI PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL: EM FOCO A PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA

Tatiana Fasolo Bilhar*
Terezinha da Conceição Costa-Hübes**

Resumo: A proposta da Prática de Análise Linguística (PAL), articulada à produção e leitura de textos, se destaca no Brasil com o professor e pesquisador João Wanderley Geraldi na década de 1980. Essa prática passou a integrar os eixos de ensino de LP no país com a publicação de documentos parametrizadores como os PCN (BRASIL, 1998) e a BNCC (BRASIL, 2018). No entanto, apesar de a PAL constar nesses (e em outros) documentos, nem sempre o que se orienta para a prática docente está em acordo com a proposta de Geraldi (1984, 1997[1991]). Assim, dada sua importância, é relevante retomá-la, discutindo o contexto de seu surgimento e as concepções que lhe são subjacentes, para que não percamos de vista a proposta geraldiana original e suas contribuições para o ensino de LP.

Palavras-chave: Prática de Análise Linguística; Ensino de Língua Portuguesa; Ensino de Gramática; João Wanderley Geraldi.

THE CONTRIBUTIONS OF JOÃO WANDERLEY GERALDI TO THE PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING IN BRAZIL: FOCUSING ON THE LINGUISTIC ANALYSIS PRACTICE

Abstract: The proposal for the Linguistic Analysis Practice (LAP) articulated with the practices of producing and reading texts in Portuguese Language (PL) classes emerged in Brazil with the professor and researcher João Wanderley Geraldi in the 1980s. This practice became part of the PL teaching axes with the publication of parameterizing documents such as PCN (BRASIL, 1998) and BNCC (BRASIL, 2018). However, despite LAP is included in these (and other) documents, the guidelines for teaching practice are not always in accordance with Geraldi's proposal (1984, 1997[1991]). Therefore, given the importance of LAP, it is relevant to revisit it, discussing its context of emergence and its underlying conceptions, so that we do not lose sight of Gerald's original proposal and its contributions to PL teaching.

Keywords: Linguistic Analysis Practice; Portuguese Language Teaching; Grammar Teaching; João Wanderley Geraldi.

Palavras iniciais

O professor e pesquisador João Wanderley Geraldi é destaque nas esferas escolar e acadêmica quando o assunto é o ensino de Língua Portuguesa (LP) em nosso país. Geraldi é responsável, a partir da década de 1980, por conceber e divulgar uma proposta de ensino que busca fugir de um trabalho pedagógico que enfatiza apenas o reconhecimento e a classificação de

estruturas linguísticas, para centrar o ensino e a aprendizagem no processo de interação promovido pelos usos da linguagem.

Trata-se de nortear o ensino a partir de uma concepção que o pesquisador chamou de linguagem como forma de “inter-ação” (Geraldi, 1984ⁱ, p. 43). Essa compreensão dialoga com os escritos do Círculo de Bakhtin, com os quais Geraldi tem contato ao final da década de 1970. Na perspectiva bakhtiniana, a linguagem é entendida como fruto e meio das relações sociais em que os falantes atuam como sujeitos, e a interação verbal é sua realidade existencial. A língua, em sua concretude, é reconhecida como fenômeno vivo, social, dialógico e com uma carga ideológica intensa. O homem é compreendido como um ser histórico-social que, ao fazer uso da linguagem, o faz a partir de uma posição de sujeito sócio-historicamente situado, capaz de exercer uma responsividade ativa sobre os discursos presentes na sociedade. Assim, os enunciados, ou textos-enunciadosⁱⁱ, produzidos no processo de interação são determinados pelo contexto no qual são elaborados, de modo que, para analisar a linguagem, torna-se imprescindível considerar tais aspectos extraverbais.

Pautando-se numa compreensão interacionista da linguagem, Geraldi, em 1984, organiza o livro *O texto na sala de aula: leitura & produção*, que se tornou um marco na história da disciplina de LP no Brasil. Nos artigos que assina na obra, o professor e pesquisador discute as diferentes concepções de linguagemⁱⁱⁱ e trata do ensino de LP, apontando falhas no que diz respeito à produção artificial de textos (a qual chamou de prática de redação) e à ênfase nas atividades metalinguísticas. Em um dos seus artigos, ele nos apresenta a Prática de Análise Linguística (PAL) como uma prática pedagógica reflexiva para o trabalho com a linguagem em sala de aula, que caracteriza uma alternativa ao ensino mecânico de regras gramaticais.

Inicialmente, Geraldi (1984) orienta para uma PAL articulada à produção e reescrita textual, priorizando as reflexões sobre a língua(gem)^{iv} em uso nos textos produzidos pelos alunos. Essa visão para o ensino da língua é ampliada, alguns anos depois, no livro *Portos de Passagem* (Geraldi, 1997[1991]), no qual o autor observa que a PAL deve estar relacionada não só à prática de produção de textos, mas também à de leitura.

Trata-se de uma prática que prima por um trabalho com a língua(gem) no qual, ao invés de exercícios descontextualizados de classificação gramatical, prioriza-se atividades de reflexão sobre os recursos expressivos empregados na construção dos textos, levando em conta as escolhas do autor, motivadas pela situação interativa que envolve sua produção. Isso porque, para o autor, é “[...] muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar tipos de sentenças” (Geraldi, 1984a, p. 44). A PAL, desse modo, intenciona possibilitar, aos alunos, mais autonomia em suas práticas linguísticas e, como consequência, uma participação mais efetiva na sociedade. Essa proposta teve, e ainda tem, grande impacto no (re)pensar das práticas pedagógicas nas aulas de LP.

Desde a publicação das obras em que Geraldi nos apresenta a PAL, sua proposta vem sendo reenunciada em documentos parametrizadores do ensino em todo o país. É o caso, por exemplo, dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998) e da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018). No entanto, apesar de a PAL constar nesses (e em outros) documentos, nem sempre o que se orienta para a prática docente está em acordo com a proposta de Geraldi (1984, 1997[1991])^v.

Assim, dada a inquestionável importância dessa proposta, julgamos que, ao completar 40 anos da publicação do livro *O texto na sala de aula: leitura & produção* (Geraldi, 1984), é relevante retomá-la, discutindo o contexto de seu surgimento e as concepções que lhe são subjacentes, para que não percamos de vista a proposta geraldiana original e suas contribuições para o ensino e a aprendizagem de LP. Assim, é nosso objetivo, neste texto, discutir a PAL proposta por Geraldi (1984, 1997[1991]) para o ensino de Língua Portuguesa, na relação com o contexto de seu surgimento e a concepção de língua(gem) que lhe é subjacente.

Para dar conta do proposto, este artigo encontra-se dividido em três seções. Na primeira, apresentamos de forma geral o contexto de surgimento da PAL; na segunda, discutimos a proposta de PAL contida na obra *O texto na sala*

de aula: leitura & produção (Geraldi, 1984); e, na terceira, discorreremos sobre a proposta da PAL em *Portos de Passagem* (Geraldi, 1997[1991]).

1 O contexto do surgimento da prática de análise linguística

A proposta de PAL é apresentada em capítulos que João Wanderley Geraldi assina na obra *O texto na sala de aula: leitura & produção* (Geraldi, 1984)^{vi}, publicada inicialmente em 1984, e, anos mais tarde, é retomada e ampliada no livro *Portos de Passagem* (Geraldi, 1997[1991]). Trata-se de uma proposta inovadora, à época, por apresentar caminhos para um ensino de LP operacional e reflexivo (Britto, 1997), que considera a historicidade dos sujeitos e da língua(gem) e se volta ao ensino da LP em uso efetivo, em detrimento do ensino de estruturas linguísticas isoladas.

A proposta nasce no período de redemocratização da sociedade brasileira, quando nos aproximávamos do fim de duas décadas de ditadura militar. No período, o ensino de LP, principalmente após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases de 1971, filiava-se a uma concepção de língua(gem) como sistema de formas, compreendendo-a “[...] a-historicamente, como um código capaz de transmitir uma mensagem de um emissor a um receptor, isolada de sua utilização [social]” (Perfeito, 2005, p. 33). Disso resultava “o estudo dos fatos linguísticos por intermédio de exercícios estruturais morfossintáticos” (Perfeito, 2005, p. 36), os quais focavam na classificação e repetição de estruturas linguísticas isoladas, na leitura decodificação e no exercício de escrita a partir de fórmulas de redação. Na época, “o baixo nível de desempenho lingüístico demonstrado por estudantes na utilização da língua, quer na modalidade oral quer na modalidade escrita” indicava a necessidade de reconhecer “um fracasso da escola e, no interior desta, do ensino de língua portuguesa tal como vem sendo praticado” (Geraldi, 1984a, p. 41).

Com a reabertura política, as críticas a esse ensino de LP – que priorizava, nas aulas, entre outras coisas, o trabalho descontextualizado com tópicos gramaticais – se intensificaram. E é no bojo dessas críticas que o professor e pesquisador João Wanderley Geraldi formula sua ideia de PAL.

Formado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí e, à época, já mestre pela Universidade de Campinas (UNICAMP), ele estabelece contato, a partir da década de 1970, com obras recém-chegadas aos estudos linguísticos no Brasil. Como lembra Geraldi (2014), tratava-se de estudos de Benveniste, Austin, Searle, Ducrot, escritos da Linguística Textual, da Análise do Discurso e, por fim, do Círculo de Bakhtin, os quais moldaram seu pensamento sobre o ensino de LP. A respeito deste, o autor assevera:

Não me passou despercebido, então, algo bem mais profundo defendido pelo Círculo de Bakhtin (e a cuja compreensão mais adequada só cheguei bem mais tarde): a linguagem como uma atividade constitutiva dos sujeitos, cujas consciências sendo sógnicas – e portanto ideológicas –, eram marcadas pelos processos interativos de que participavam, tomando desde seu sentido mais estrito do diálogo face a face até seu sentido mais amplo, abrangendo um tempo, um espaço, uma história sociais. Foi a compreensão inicial desse processo que me levou a defender o ponto de vista de que considerar erro qualquer variante da língua padrão era considerar errado o próprio processo de constituição dos sujeitos que falavam variedades distintas (Geraldi, 2014, p. 210).

Essa compreensão sobre os sujeitos, a língua(gem) e as variedades linguísticas no que diz respeito aos usos da língua é determinante do que, à época, se configurou como um novo modo de pensar o ensino de LP e marcou a história da disciplina em nosso país. A partir da influência dos estudos linguísticos, e das críticas que fazia ao ensino de LP no período, Geraldi desenvolve uma proposta que tinha como objetivo repensar o ensino de LP “[...] para lastreá-lo num conjunto de práticas de linguagem [...], evitando recortes estanques e mostrando que a aprendizagem se dá por práticas de linguagem, e não por descrições e normatizações sobre a língua” (Geraldi, 2002^{vii} *apud* Paula, 2014, p. 182).

Essa proposta, que se assenta na leitura, produção de textos e PAL, surge, conforme Polato (2017), da “[...] necessidade de reconfigurar o ensino de línguas, até então balizado e reduzido por abordagens tradicionais ou estruturais, de cunho gramatical normativo ou descritivo [...]” (Polato, 2017, p. 59), e, a partir da publicação de *O texto na sala de aula: leitura & produção*, em

1984, passa a ser amplamente difundida entre os professores e (re)conhecida em diferentes estados do Brasil. É, contudo, no livro *Portos de Passagem*, publicado sete anos mais tarde, em 1991, que o autor nos apresenta uma proposta de PAL mais madura e desenvolvida – na qual observamos a influência do estudo de Franchi (2006[1988]), sobre a reconfiguração do ensino gramatical, com a discussão de atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas^{viii}, e a ancoragem explícita nos pressupostos do Círculo de Bakhtin.

É sobre a PAL nas duas obras – *O texto na sala de aula: leitura & produção* e *Portos do Passagem* – que discorreremos nas seções seguintes.

2 O texto na sala de aula: leitura & produção (1984)

A obra *O texto na sala de aula: leitura & produção*^{ix}, organizada por Geraldi, é uma coletânea composta por 11 textos de autores variados^x, que tinha como objetivo promover “um convite à reflexão sobre o trabalho de sala de aula, e também um convite a um (re)dimensionamento destas atividades” (Geraldi, 1984b, p. 5). Ela nasce como texto de referência para um projeto de formação continuada de professores, desenvolvido no oeste do Paraná, no ano de 1984, época em que a sociedade civil brasileira questionava sistematicamente o regime militar vigente, organizando-se em discussões e manifestações, como as que compunham o *Movimento Diretas Já*.

Tal formação foi promovida pela Associação Educacional do Oeste do Paraná (ASSOESTE), Secretaria de Estado de Educação do Paraná (SEED) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR) em parceria com o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade de Campinas (UNICAMP), representado pelo professor e pesquisador João Wanderley Geraldi, que, à época, cursava o doutorado no IEL.

Costa-Hübes (2008) conta que, ao receber o convite para organizar/coordenar esse projeto de formação continuada, Geraldi fez uma exigência para que fossem abertas vagas para todos os docentes de 5^a a 8^a série que se mostrassem interessados, tanto da rede estadual quanto da rede privada. Foi, então, elaborado um projeto com financiamento da ASSOESTE, das

Secretarias Municipais de Educação da região e de órgãos da SEED do Paraná para ofertar cursos simultâneos, de 40 horas, a todos os professores de LP em exercício que quisessem participar. Esses cursos aconteceram nas cidades de Toledo, Cascavel, Medianeira, Foz do Iguaçu, Capanema, Capitão Leônidas Marques, Nova Aurora, Assis Chateaubriand, Palotina e Marechal Cândido Rondon, envolvendo um número aproximado de 600 docentes. E foi no âmbito dessas formações que Geraldi organizou *O texto na sala de aula: leitura & produção* e disseminou sua proposta inicial de PAL.

O livro nasceu, então, como material de apoio aos professores cursistas, resultado de um projeto político-educacional mobilizado no oeste do Paraná, em parceria com o IEL, que visava a transformar o ensino de LP no contexto de fim da ditadura militar e, conseqüente, de reabertura política do país. Os textos que compõem a coletânea buscam explicitar fundamentos teóricos e possibilidades práticas para uma práxis pedagógica que pretendia romper com a tradição do ensino gramatical descontextualizado, em favor de um trabalho pautado nos usos efetivos da língua(gem) em contextos reais.

Na obra, Geraldi apresenta uma proposta para o ensino de LP centrada na leitura, na produção de textos e na PAL, buscando o deslocamento “de um ensino sobre a língua para as práticas de linguagem” (Geraldi, 2014, p. 211). É sobre sua proposta de PAL que discutiremos a seguir.

2.1 A proposta de PAL em *O texto na sala de aula*

A concepção de língua(gem) no bojo da qual a proposta de PAL nasce é explicitada por Geraldi no primeiro capítulo que assina na obra *O texto na sala de aula: leitura & produção*. Esse capítulo, intitulado “Concepções de linguagem e ensino de português”, não trata da PAL, mas inicia uma discussão que lança as bases para sua proposição. No texto, Geraldi aponta para o fracasso escolar em melhorar o desempenho linguístico dos alunos, procurando, com as questões ali discutidas, “construir uma alternativa de ação” (Geraldi, 1984a, p. 42) para o ensino de LP.

Inicialmente, o autor destaca que:

Antes de qualquer consideração específica sobre a atividade de sala de aula, é preciso que se tenha presente que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política – que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade – com os mecanismos utilizados em sala de aula (Geraldi, 1984a, p. 42).

Assim, explicita que toda escolha pedagógica é também um ato político que impacta nos conteúdos ensinados, nos materiais utilizados, nas formas de avaliação adotadas, no relacionamento com os alunos, de modo que a primeira questão do ensino deve ser: “para que ensinamos o que ensinamos?” (Geraldi, 1984a, p. 42). Tal questionamento, para o autor, está diretamente articulado à forma como se compreende a língua(gem), uma vez que isso impacta todas as ações pedagógicas em sala de aula.

Geraldi aponta a existência de três diferentes concepções de língua(gem), por ele assim denominadas: 1) *linguagem como expressão do pensamento*; 2) *linguagem como instrumento de comunicação*; 3) *linguagem como forma de interação*. As duas primeiras têm relação, respectivamente, com o subjetivismo individualista e com o objetivismo abstrato conceituados por Volóchinov (2018[1929]). A terceira remete à compreensão de língua(gem) do Círculo de Bakhtin.

O texto de Geraldi, contudo, embora ecoe pressupostos do Círculo, não cita suas obras explicitamente, exceto na epígrafe, que traz um trecho do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, à época recém-traduzido para o português (e com autoria atribuída a Bakhtin). A epígrafe do capítulo traz a seguinte citação:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro (Mikhail Bakhtin) (Geraldi, 1984a, p. 41).

Ao abrir o capítulo com esse trecho, Geraldi aponta para a base teórica que lhe dá subsídios para discutir as concepções de língua(gem) (embora não a retome explicitamente no restante do texto), indicando concordar com o

entendimento de que a interação é a base existencial da língua(gem). A citação recortada para iniciar o capítulo destaca como nossas ações linguísticas são sempre desenvolvidas em relação ao outro e, portanto, conectadas com uma dimensão social – a qual abrange quem são os interlocutores e o contexto em que se inserem. Aplicar tal noção ao ensino de LP significa considerar a língua efetivamente em uso e, conseqüentemente, abandonar exercícios artificiais de utilização da língua(gem) – o que prevalecia até então. Diante disso, o autor conceitua a língua(gem) como uma forma de “inter-ação”: de interagir e agir sobre o mundo.

A linguagem é uma forma de inter-ação: mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana: através dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não pré-existiam antes da fala (Geraldi, 1984a, p. 43).

Aqui também observamos ecos dos pressupostos do Círculo de Bakhtin, para o qual “Toda palavra serve de expressão do ‘um’ em relação ao ‘outro’. [...] A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor” (Volóchinov, 2018[1929], p. 205). É por meio da língua(gem) que nos constituímos como sujeitos, nas relações que ela nos possibilita desenvolver com os demais, de modo que “a interação discursiva é a realidade fundamental da língua” (Volóchinov, 2018[1929], p. 219). Assumindo tal perspectiva, Geraldi filia-se à compreensão da língua(gem) como forma de interação, situando-a como “o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos” (Geraldi, 1984c, p. 43).

Calcadas na concepção de linguagem como forma de interação, as sugestões de ensino de Geraldi, no livro *O texto na sala de aula: leitura & produção*, abarcam três práticas a serem desenvolvidas nas aulas: de leitura, de produção de textos e, a que mais nos interessa, de análise linguística.

Estas práticas, integradas no processo de ensino-aprendizagem, têm dois objetivos interligados: a) tentar

ultrapassar, apesar dos limites da escola, a artificialidade que se institui na sala de aula quanto ao uso da linguagem; b) possibilitar, pelo uso não artificial da linguagem, o domínio efetivo da língua padrão em suas modalidades oral e escrita (Geraldi, 1984d, p. 77).

As três práticas deveriam ser desenvolvidas paralelamente em sala de aula com vistas a superar o ensino com foco apenas na metalinguagem, contribuindo para que os alunos pudessem dominar a língua padrão em seu dia a dia.

Nessa perspectiva, a leitura, para o autor, é tomada como “um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto” (Geraldi, 1984d, p. 80). Logo, o ato de ler estabelece um diálogo, por meio da materialidade textual, em que o leitor também é ativo na construção de sentidos. A produção de textos, por sua vez, seria solicitada após a leitura e a interpretação de um ou mais textos, e da discussão de sua temática. A ideia do autor era de que a leitura se tornasse “[...] o primeiro passo para o exercício de produção dos alunos” (Geraldi, 1984c, p. 54).

Geraldi traça, então, uma diferença entre o exercício de redação e a produção de textos. No exercício de redação, “[...] os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial” (Geraldi, 1984c, p. 54). Já na produção de textos, os textos produzidos pelos alunos teriam interlocutores reais, além do docente de LP, e, portanto, deveriam ser produzidos com vistas a esses interlocutores – uma prática real de uso da língua(gem).

É a partir dos textos produzidos que deve ser introduzida, segundo o autor, a terceira prática, a PAL: “A leitura [pelo professor] de tais textos [produzidos pelos alunos] será a própria preparação das aulas de ‘prática de análise linguística’” (Geraldi, 1984c, p. 57). A PAL, para Geraldi, à época, deveria estar articulada diretamente, à prática de produções de textos. Nesse sentido, o autor lança algumas orientações para balizar o trabalho com a PAL:

a) a análise linguística que se pretende partirá não do texto “bem escrito”, do bom autor selecionado pelo “fazedor de livros didáticos”. Ao contrário, o ensino gramatical somente tem

- sentido se for para auxiliar o aluno e isso partirá do texto do aluno;
- b) a preparação das aulas de prática de análise linguística será a própria leitura dos textos produzidos pelos alunos nas aulas de produção de textos;
- c) para cada aula de prática de análise linguística, o professor deverá selecionar apenas um problema; de nada adianta quereremos enfrentar todos os problemas que podem acontecer num texto produzido por nossos alunos;
- d) fundamentalmente, a prática de análise linguística deve se caracterizar pela retomada do texto produzido na aula de produção [...] para re-escrevê-lo no aspecto tomado como tema da aula de análise;
- e) o material necessário para as aulas de prática de análise linguística: os Cadernos de Redações dos alunos; um caderno para anotações; dicionários e gramáticas;
- f) em geral, as atividades serão em pequenos grupos ou em grande grupo;
- g) fundamenta esta prática o princípio “partir do erro para a auto-correção” (Geraldi, 1984c, p. 63).

Com essa orientação, o autor assinala que a PAL se volta para as questões (gramaticais, de coesão e coerência) observadas nos textos dos próprios alunos. A cada aula, um único problema deve ser abordado, seja com atividades em grupos menores, seja por meio de exercícios com a turma toda. Os diferentes “problemas” podem ser retomados em mais de uma ocasião ou série. Só depois das atividades de PAL, os alunos são convidados a reescreverem individualmente os textos produzidos.

Como exemplos, Geraldi (1984c) oferece indicações de questões a serem trabalhadas de acordo com a série dos alunos (de 5ª a 8ª) e os tipos de textos produzidos. O autor destaca 1) **problemas de estrutura textual**, que incluem adequação à tipologia do texto produzido, à sequenciação textual, à passagem do discurso direto para indireto e vice-versa; 2) **problemas de ordem sintática**, entre os quais estão concordância verbal, nominal e questões de regência verbal; 3) **problemas de ordem morfológica**, como adequação vocabular, conjugação verbal, formas de plural e feminino, o uso de pronomes pessoais; 4) **problemas de ordem fonológica**, com questões sobre ortografia, acentuação e divisão silábica; 5) **problemas de ordem estilística**, com a transformação de orações e a reescrita de parágrafos.

Como se pode observar, o autor não exclui o estudo de tópicos gramaticais, uma vez que os problemas listados referem-se, principalmente, a questões relacionadas à gramática normativa. No entanto, o foco não está em apreender regras e classificações a partir de sentenças isoladas, como se isso pudesse auxiliar o aluno a melhorar sua competência linguística; ao contrário, a proposta é refletir sobre como empregar os elementos linguísticos em usos efetivos de língua(gem), para que os estudantes construam seus próprios textos e explicitem seus projetos de dizer. Conforme Rodrigues (2021), não se trata de uma gramática aplicada ao texto, mas de uma gramática implicada no texto. Assim, a PAL abarca também questões mais amplas sobre o texto, como coesão, coerência e sua adequação em relação aos interlocutores pretendidos.

Nas palavras do autor: “A única coisa que me parece essencial na prática de análise linguística é a substituição do trabalho com metalinguagem pelo trabalho produtivo de correção e auto-correção de textos produzidos pelos próprios alunos. Esta é a intenção da proposta” (Geraldi, 1984c, p. 68). A PAL, desse modo, nasce como alternativa ao ensino de LP centrado na metalinguagem, buscando promover uma reflexão contextualizada da/sobre a língua(gem), com o objetivo de que os alunos, sujeitos sociais, produzam melhor os seus textos, os quais têm finalidade e interlocutores reais.

O autor assim conceitua a PAL:

Entendo por prática de análise linguística a recuperação, sistemática e assistemática, da capacidade intuitiva de todo falante de comparar, selecionar e avaliar formas linguísticas e a prática de produção de textos como uso efetivo e concreto de linguagem com fins determinados pelo locutor ao falar e escrever (Geraldi, 1984d, p. 79).

Ao tratar de uma capacidade intuitiva dos falantes, Geraldi retoma a ideia de que a língua(gem) é social e se produz nas relações de interação, remetendo à noção de gramática como “[...] um sistema de princípios e regras que correspondem ao próprio saber linguístico do falante: ele se constrói na atividade linguística e na atividade linguística se desenvolve” (Franchi, 2006[1991], p. 31). Isso também modifica a noção de erro. Nessa perspectiva, erro seria o que não

ocorre sistematicamente na língua – o que diz respeito muito mais aos usos possíveis da linguagem do que à adequação a uma variedade linguística específica.

A esse respeito destacamos que, ao formular uma proposta de PAL fundamentada no princípio “partir do erro para a autocorreção” (Geraldi, 1984c, p. 63), o autor deixa escapar “a voz do tradicionalismo” (Polato; Menegassi, 2021, p. 26), num conceito de erro que não se coaduna com a perspectiva defendida. Trata-se da noção de erro própria de uma gramática normativa^{xi}, para a qual “[...] a língua é só a variedade dita padrão ou culta e que todas as outras formas de uso da língua são desvios, erros, deformações, degenerações da língua [...]” (Travaglia, 2021[1996], p. 24)

Ao frisar a necessidade de domínio da variedade padrão da língua, compreendendo seus desvios como *problemas ou erros* a serem corrigidos, Geraldi (1984) parece tratar a variedade padrão como uma outra forma linguística – completamente diferente da que o aluno conhece e a qual necessita aprender, e todo e qualquer desvio dessa norma se configura como um problema a ser corrigido. Para o autor, que mais tarde teceu críticas a esse aspecto da proposta, “a ingenuidade é pensar que se trata do ‘domínio de uma outra forma’, como se já estivesse pronta e acabada – e aqui se pensava na ‘língua padrão’, tal como praticada nos meios de comunicação” (Geraldi, 2014, p. 213-214).

Entendemos que essa questão a respeito do erro e do modo como Geraldi o compreende na sua proposta de ensino – que pode soar contraditória – traz refrações do cronotopo do período, no qual as críticas ao ensino de LP praticado levavam a repensar a práxis pedagógica, calcando-a em outra compreensão da língua(gem). Todavia, ao mesmo tempo, não se podia deixar de defender o ensino da norma padrão, tendo em vista ser a escola o único local onde muitos dos estudantes teriam acesso a ela (o que se mantém verdadeiro ainda nos dias de hoje). Assim, percebemos o imbricamento de vozes que remetem a diferentes concepções na composição da proposta, embora sobressaia-se a compreensão da língua(gem) como forma de interação.

Ao tratar a PAL como uma proposta de autocorreção, “[...] prenuncia-se a importância de desenvolvimento da habilidade autoral de melhorar o próprio

texto, a considerar a ampliação da noção de sujeito produtor de textos” (Polato; Menegassi, 2021, p. 26). Em outras palavras, a proposta defende a formação de um sujeito-aluno que tem voz e precisa manifestá-la, sendo a função da escola, especialmente nas aulas de LP, mediar processos para que ele possa desenvolver seu projeto de dizer.

A proposta de PAL em *O texto na sala de aula: leitura & produção* é inovadora e pertinente no sentido de pensar um ensino menos mecânico de LP, realizado por meio de práticas de uso da linguagem e da reflexão sobre tais usos, com vistas a formar sujeitos com competência para agenciar os recursos linguísticos em seus textos, conforme os objetivos pretendidos nas diferentes situações de interação em que se engajam.

Vale lembrarmos que, ao longo dos capítulos que assina na obra, Geraldi ancora-se na “linguística da enunciação”^{xii} (Geraldi, 1984c, p. 43) – corrente teórica que o autor relaciona diretamente com a concepção interacionista de língua(gem), na qual fundamenta sua proposta de ensino. Geraldi, portanto, não se fixa sobre uma teoria única, mas toma como base para suas proposições um apanhado de diferentes pressupostos teóricos que têm em comum a compreensão da língua(gem) como forma de interação. E apresenta uma proposta de ensino que “[...] nos conduz a uma mudança de atitude” (Geraldi, 1984e, p. 122), que impacta também a avaliação. Esta se volta ao processo e não ao produto das aulas: “[...] a comparação entre os primeiros textos e os últimos é que dará o parâmetro para atribuição de uma nota ao aluno” (Geraldi, 1984c, p. 61).

Nesse sentido, a PAL visa à reflexão sobre a língua(gem) em uso, de modo a permitir que os falantes saibam como utilizar a norma padrão para construir seus textos nas diferentes interações em que tomam parte. Como forma de sintetizar a proposta de PAL apresentada por Geraldi na obra *O texto na sala de aula: leitura & produção* retomamos suas características no quadro seguinte.

Quadro 1 – A PAL na obra *O texto na sala de aula: leitura & produção*

Proposta de PAL – Geraldi (1984)	
Concepção de linguagem no bojo da qual é desenvolvida	Linguagem como forma de interação

Características da PAL	Articulada à prática de produção textual e, portanto, desenvolvida a partir da língua em uso; Foca em questões da norma padrão (gramática tradicional) e questões mais amplas sobre o texto; Ancora-se, de forma heterogênea, na linguística da enunciação.
Sugestão metodológica para o trabalho com a PAL nas aulas de LP	O professor deve partir da leitura e análise dos textos produzidos pelos alunos – que precisam efetivamente circular e ter outros interlocutores reais, além do próprio docente –, discutindo um único aspecto-problema previamente selecionado, com vistas a melhorar a qualidade dos textos e desenvolver a capacidade de autocorreção dos estudantes, para culminar na reescrita textual. A ideia é partir do erro para a autocorreção.

Fonte: elaborado pelas autoras.

A proposta tem mérito por buscar um ensino de LP que considera os usos da língua(gem), compreendendo-a como forma de interação e ação no mundo, que constitui e é constituída por sujeitos sociais situados – o que implica reconhecer a dimensão social dos textos-enunciados. Essa proposta é amadurecida por Geraldi, sendo retomada, anos mais tarde, no livro *Portos de Passagem*, sobre o qual discorreremos a seguir.

3 Portos de passagem (1991)

A obra *Portos de Passagem*, de autoria de João Wanderley Geraldi, foi publicada em 1991 e é fruto de sua tese de doutorado, defendida em 1990. A pesquisa original, intitulada *Linguagem, interação e ensino*, foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística, do IEL, na UNICAMP, e teve como orientador o professor Carlos Franchi.

O Brasil, à época, vivia um momento histórico um pouco diferente daquele em que a obra *O texto na sala de aula* foi organizada. Se, em 1984, o movimento das *Diretas Já* se expandia e a sociedade apontava para mudanças concretas no cenário político nacional; em 1991, uma nova Constituição (Brasil, 1988) havia sido promulgada, trazendo consigo as primeiras eleições presidenciais diretas após mais de 20 anos, impactando também a educação. Buscava-se consolidar o retorno a uma política democrática que solicita uma maior participação dos cidadãos na tomada de decisões.

É nesse contexto que Geraldi, que se tornara referência no que diz respeito ao ensino de LP inovador no país^{xiii}, volta a discutir, em sua pesquisa, possibilidades para o trabalho com a língua(gem) em sala de aula. Na tese (que originou o livro), o autor afirma trazer “alternativas para um ensino de língua portuguesa que contemple um trabalho pedagógico centrado no conhecimento e na produção, contrapondo-o a um ensino centrado no reconhecimento e na reprodução” (Geraldi, 1990, p. 3). Assim, retoma as críticas às aulas de LP focadas em exercícios de redação e de classificação gramatical descontextualizados, destacando a necessidade de um trabalho que eleja o processo interlocutivo como espaço de constituição dos sujeitos e da língua(gem), trabalhando-a, em sala de aula, na perspectiva da PAL.

3.1 A PAL em Portos de passagem

No livro *Portos de Passagem*, Geraldi amplia o conceito de PAL que apresentou em 1984. Se em *O texto na sala de aula* a PAL é atrelada à produção e à reescrita de textos, em *Portos de Passagem* passa a integrar também as práticas de leitura, compreendidas como contraparte da produção textual. Conforme o autor, “criadas as condições para atividades interativas efetivas em sala de aula, **quer pela produção de textos, quer pela leitura de textos, é no interior destas e a partir destas** que a análise linguística se dá” (Geraldi, 1997[1991], p. 189, grifos nossos).

O autor pauta-se novamente na compreensão interacionista de língua(gem) e estabelece diálogo com os estudos do Círculo de Bakhtin – para o qual a língua(gem) se materializa em enunciados concretos e ideológicos, elaborados a partir de um sistema linguístico em constante reconstrução, diretamente vinculados ao contexto mais amplo e à situação de interação mais específica que motivou sua produção. Nas palavras de Geraldi (1997[1991]), “se a linguagem não é morta, não podemos escapar do fato de que ela se refere ao mundo, que é por ela e nela que se pode detectar a construção histórica da cultura, dos sistemas de referências” (Geraldi, 1997[1991], p. 178-179). E é a

partir desses sistemas de referência que significamos e compreendemos o mundo a nossa volta.

Para o autor, o ponto de partida e de chegada de todo o processo de ensino e aprendizagem de LP deve ser a produção de textos, sejam eles escritos ou orais (o que acrescenta em relação à proposta anterior, cujo foco estava na produção textual escrita). Afinal, os textos – a língua(gem) em uso num dado contexto – materializam enunciados, e é por meio desses enunciados que interagimos com os demais e agimos sobre o mundo, nos constituindo como sujeitos,

Sobretudo, é porque no texto é que a língua – objeto de estudo – se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de formas e de seu reaparecimento, quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva constituída no próprio processo de enunciação marcada pela temporalidade e suas dimensões. (Geraldi, 1997[1991], p. 135)

Com tais palavras, Geraldi aponta para os dois polos do texto de Bakhtin (2011[1979]): o polo do sistema linguístico – em que temos a repetição de estruturas da língua – e o polo de sua realização num dado contexto – no qual se torna um enunciado e, portanto, concreto, único e ideológico. O texto assim compreendido é um espaço privilegiado para o estudo da língua(gem), uma vez que abarca tanto a língua enquanto sistema, quanto a língua preenchida de conteúdo vivencial, os discursos.

A produção de textos nessa perspectiva se diferencia das atividades de redação, nas quais o ato de produzir um texto se caracterizam apenas como exercícios de escrita (Costa-Hübes, 2012; Rosa, 2014), sendo produzidos exclusivamente para a escola e lidos apenas pelo professor, com o único objetivo de avaliar um conteúdo e receber nota por isso. Para superar essa escrita de redações, Geraldi defende o fato de se criar, nas aulas de LP, as condições de produção, uma vez que:

Por mais ingênuo que possa parecer, para produzir um texto (em qualquer modalidade) é preciso que:
a) se tenha o que dizer;

- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
 - c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
 - d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz [...];
 - e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d).
- (Geraldi, 1997[1991], p. 137)

Para Geraldi (1997[1991]), o texto é uma atividade discursiva na qual alguém diz algo a alguém, com alguma finalidade, em dado contexto e seleciona as estratégias para fazê-lo. É o texto compreendido na sua condição de enunciado: orientado para um interlocutor (que ocupa determinada posição social no processo de interlocução), produzido com um propósito discursivo, no qual o locutor (um sujeito sócio-historicamente situado), considerando o contexto em que está inserido e a situação de interação em que se engaja, seleciona estratégias para efetivar seu projeto de dizer. O aluno é considerado, desse modo, como sujeito-autor de seus textos; e a produção textual, como atividade discursiva, na qual os alunos (sujeitos que têm algo a dizer e precisam ser ouvidos) imprimem valorações à língua(gem), conforme os objetivos que têm no processo interlocutivo, num movimento similar ao que fazemos na vida fora da escola.

Nessa perspectiva, a leitura é tomada como contraparte da produção textual. Ela é compreendida por Geraldi (1997[1991]) como uma atividade dialógica em que autor e leitor interagem por meio da materialidade linguística, construindo sentidos. O autor enfatiza a compreensão responsiva ativa do leitor – num diálogo de concordância com o Círculo de Bakhtin^{xiv} –, por meio da qual vai-se unindo suas palavras às do autor e oferecendo uma resposta ao enunciado lido, produzindo o novo a partir do dado. Os sentidos são construídos no processo de interação, a partir do que o autor traz no texto e do conhecimento prévio e compreensão do leitor sobre o tema, de modo que, para Geraldi (1997[1991]), a leitura contribui tanto para que se tenha o que dizer, quanto para que se reflita sobre as estratégias para dizer. Essa prática está, portanto, imbricada diretamente com a produção textual e com a PAL, uma vez que contribui para que os alunos aprendam formas de agenciar os recursos da língua(gem) para construírem seus projetos de dizer.

Nesse contexto, a PAL é apresentada como a prática de reflexão consciente sobre a língua(gem) e da língua(gem) que se articula à leitura e à produção de textos. O ensino de LP, nessa perspectiva, implica um trabalho pedagógico em que se estudem as ações que fazemos *com*, *da* e *sobre* a língua(gem). Tais ações, discutidas por Geraldi em *Portos de Passagem*, ecoam do texto de Franchi (2006[1988]) – seu orientador – e dizem respeito às atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas. Para Geraldi (1997[1991]), a partir das atividades linguísticas – os usos da língua(gem) – realizadas pelos estudantes, seriam desenvolvidas, com a mediação do professor, atividades epilinguísticas e, depois, metalinguísticas. Conforme o autor,

Com a expressão “análise linguística” pretendo referir precisamente esse conjunto de atividades que tomam uma das características da linguagem como seu objeto: o fato de ela poder remeter a si própria, ou seja, com a linguagem não só falamos sobre o mundo ou sobre nossa relação com as coisas, mas também falamos sobre como falamos. Como já vimos, a estas atividades têm sido reservadas as expressões ‘atividades epilinguísticas’ ou ‘atividades metalinguísticas’. (Geraldi, 1997[1991], p. 189-190)

As atividades epilinguísticas seriam aquelas em que se busca refletir sobre a língua(gem) em função das situações de interação em que se está engajado. “Assim, toda a reflexão sobre diferentes formas de dizer [...] são atividades epilinguísticas e, portanto, ‘análises linguísticas’ [...]” (Geraldi, 1997[1991], p. 190). Para o autor atividades epilinguísticas mediadas pelo professor devem preexistir às atividades metalinguísticas. Essas últimas propiciam “[...] uma reflexão analítica sobre os recursos expressivos, que levam a uma construção de *noções* com as quais se torna possível categorizar tais recursos” (Geraldi, 1997[1991], p. 190-191, grifo do autor). Por meio dessas atividades, o autor salienta que se produz uma metalinguagem com a qual podemos falar da língua: seu funcionamento, suas configurações textuais e suas “estruturas morfossintáticas e entonacionais” (Geraldi, 1997[1991], p. 191).

Ao dar relevo à entonação, Geraldi (1997[1991]) dialoga, mais uma vez, com os pressupostos do Círculo de Bakhtin, para o qual todo enunciado apresenta uma ênfase valorativa, uma “avaliação social contida na palavra [que] é transmitida com a ajuda da *entonação expressiva*” (Volóchinov, 2018[1929], p. 233, grifos do autor). Essa orientação avaliativa se expressa não só pelos recursos linguísticos, mas também pela entonação dada pelo locutor ao seu enunciado, compondo seu projeto de dizer.

Ao considerar que as atividades metalinguísticas devem abarcar tais recursos, Geraldi (1997[1991]) retoma que sua proposta de ensino, e de PAL, deve considerar a análise da língua, partindo do extraverbal, do contexto de produção dos enunciados e da situação de interação, dos discursos, para depois focar no verbal; num movimento que visa a primeiro refletir sobre as estratégias do dizer e só depois a usar a própria língua para discutir seu funcionamento e suas estruturas, construindo noções e categorizações. A aprendizagem se dá no processo de uso *da* e reflexão *sobre* a linguagem, na compreensão ativa e responsiva que acontece nos processos interlocutivos e que considera tanto as condições extraverbais quanto os recursos expressivos, num “[...] trabalho de reflexão que associa os elementos da situação, os recursos utilizados pelo locutor e os recursos utilizados pelo interlocutor para estabelecer a correlação entre os dois primeiros” (Geraldi, 1997[1991], p. 19).

Ao tratar do contexto social das interações verbais, o autor cita explicitamente a ordem metodológica para o estudo da língua(gem) apresentado por Volóchinov (2018[1929]) em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, que parte do social para o linguístico. Seu objetivo é enfatizar a necessidade de, partindo do material linguístico, considerarmos também o contexto de produção dos textos no movimento de estudo da língua(gem), “sob pena [se não o fizermos] de produzirmos uma análise do discurso sem discurso, uma análise lingüística sem língua, e assim por diante” (Geraldi, 1997[1991], p. 60).

Geraldi (1997[1991]) compreende que as atividades epilinguísticas e metalinguísticas, que partem de atividades linguísticas, devem propiciar, aos alunos, reflexões sobre as operações discursivas que ele realiza ao ler ou produzir textos. Diante disso, destaca quatorze dessas operações discursivas

que podem ser trabalhadas pelo professor de LP em suas aulas, tendo em vista que são corriqueiramente utilizadas nos processos de formulação textual. São elas: operações de argumentação^{xv}, de inscrição de um objeto em determinada classe ou a divisão de determinada classe em subcategorias, de inscrição de um objeto numa forma deverbal, de determinação, de condensação, de simbolização, de explicitação, de explicitação de forças ilocucionárias, de inclusão de falas de terceiros, de salvaguarda, de vocalização ou lexicalização de atitudes, operações metadiscursivas, de exemplificação e de ambigüização.

A PAL em *Portos de Passagem* delinea um trabalho que, em consonância com a proposta apresentada em *O texto na sala de aula: leitura & produção*, não desconsidera a gramática, mas que também não está a serviço dela, extrapolando-a, uma vez que a língua(gem) em uso está em constante (re)construção pelo trabalho dos falantes. E, se na proposta esboçada em 1984 o autor destacava o foco no ensino da língua padrão, em 1991 Geraldi amplia o objetivo das aulas de LP para a ideia de adequar os usos da língua(gem) ao contexto em que ocorrem as práticas linguísticas. Nesse sentido, ele afirma não estar “[...] banindo das salas de aula as gramáticas (tradicionais ou não), mas considerando-as fontes de procura de outras reflexões sobre as questões que nos ocupam nas atividades epilinguísticas” (Geraldi, 1997[1991], p. 191-192, grifo do autor). Isso porque, para o autor, as gramáticas não são insuficientes para dar conta das possibilidades da língua em uso, de modo que, se ficarmos restritos a elas nas aulas de LP, teremos apenas a reprodução e não a construção de conhecimentos.

Assim, a PAL busca possibilitar aos estudantes condições para que, seja na leitura seja na produção de textos, consigam compreender e agenciar conscientemente os recursos expressivos na consecução de seus objetivos nas interações em que se engajam. Como forma de sintetizar essa proposta de PAL, apresentamos o quadro 2.

Quadro 2 – A Prática de Análise Linguística na obra *Portos de Passagem*

Proposta de PAL – Geraldi (1991)	
Concepção de linguagem no bojo da qual é desenvolvida	Concepção interacionista de linguagem, com nuances discursivas.

Características da PAL	Articulada às práticas de produção textual e leitura; Visa a propiciar reflexões sobre os recursos expressivos agenciados nos usos da língua(gem), de modo que os alunos tenham condições de melhor construir seus projetos de dizer; Ancora-se nos pressupostos do Círculo de Bakhtin sobre a linguagem e evidência, em algumas reflexões, o reconhecimento de que o contexto extraverbal pode trazer nuances discursivas à análise linguística.
Sugestão metodológica para o trabalho com a PAL nas aulas de LP	A produção textual é o ponto de partida e de chegada do ensino de LP. Nessa perspectiva, o professor deve, a partir de atividades linguísticas – de produção e leitura de textos –, mediar, junto aos alunos, atividades epilinguísticas (de reflexão sobre recursos expressivos utilizados conforme o contexto da enunciação) e, posteriormente, metalinguísticas (com as quais se constroem noções que permitem falar da própria língua(gem): seu funcionamento, suas configurações textuais e suas estruturas morfossintáticas e entonacionais). O docente deve elencar tópicos a serem trabalhados com os alunos a partir das dificuldades observadas em seus próprios textos ou a partir da leitura de textos de outros.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Em *Portos de Passagem*, Geraldi (1997[1991]) destaca a importância de considerar o extraverbal e o verbal nas aulas de LP, com vistas a um ensino que contribua para melhorar a competência linguístico-discursiva dos alunos. A concepção de língua(gem) em que assenta sua proposta de PAL traz, agora, nuances dialógicas^{xvi} – num diálogo maior de concordância com os pressupostos do Círculo de Bakhtin –, que não estavam presentes em *O texto na sala de aula*.

A proposta de PAL geraldiana ganhou destaque no país principalmente após a publicação dos PCN (Brasil, 1998), que tomou a *análise linguística* como um dos eixos de ensino de LP, e segue sendo reverberada, em alguma medida, na BNCC (Brasil, 2018)^{xvii}, de modo que mantém sua relevância e destaque para a educação em nosso país.

Palavras Finais

As contribuições de João Wanderley Geraldi para o ensino de LP são muitas e mantêm sua relevância. Sua proposta de PAL, sobre a qual nos debruçamos neste artigo, é um marco, em nosso país, para um trabalho, em sala de aula, que realmente propicie reflexões sobre os usos da língua(gem) nos

diferentes contextos em que ele acontece. Trata-se de buscar um ensino mais significativo de LP.

Para Rodrigues e Cerutti-Rizzati (2011), essa prática leva o aluno a perceber a forma com que a linguagem é agenciada nos textos-enunciados e, desse modo, favorece seu desempenho nos usos da língua(gem) nas diferentes interações que estabelece. Em consonância, Remenche e Rohling (2015) defendem que a PAL potencializa a ampliação do repertório linguístico, corrobora o processo de leitura e de produção de textos orais e escritos e, portanto, o processo de interação social.

O ensino de LP na perspectiva da PAL, conforme Geraldi (1984, 1997[1991]), deve partir e ter como fim o uso da língua(gem) materializada em textos, compreendidos na sua condição de enunciados. Nesse ensino não cabem atividades descontextualizadas de classificação gramatical, mas, a partir de atividades linguísticas, é preciso desenvolver atividades epilinguísticas e, depois delas, atividades metalinguísticas que possibilitem ampliar o conhecimento dos alunos sobre a língua(gem) que eles e os outros utilizam para interagir e agir no mundo. Como ressaltam Polato e Menegassi (2021),

[...] os objetivos da proposta de Análise Linguística começam a ganhar contornos dialógicos em *Portos de Passagem* e requerem a formação de um sujeito ativo, deliberado, consciente nas práticas de linguagem, que reflete e opera sobre a língua em uso para demarcar atitudes responsivas próprias tanto na leitura quanto na produção textual, em formação mediada e orientada pelo professor. (Polato; Menegassi, 2021, p. 45)

Ao adotar essa prática, o que se busca, no ensino de LP, é estimular reflexões sobre a língua(gem) em uso, de modo que os alunos compreendam que as escolhas dos recursos expressivos presentes nos textos-enunciados lidos/escutados/produzidos são o resultado de um projeto de dizer de um locutor situado sócio-historicamente, apontando para os discursos veiculados por meio da materialidade linguística. Configura-se, portanto, como um excelente caminho para possibilitar, aos nossos alunos, mais autonomia em suas práticas linguístico-discursivas e, como consequência, a possibilidade de uma participação mais efetiva na sociedade.

Notas

* Professora Doutora dos Cursos de Comunicação do Centro Universitário Assis Gurgacz, campus Cascavel/PR. E-mail: tatianabilhar@gmail.com

* Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Cascavel, PR, Brasil. Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras. E-mail: tehubes@gmail.com.

ⁱ O livro a que nos referimos é *O texto na sala de aula: leitura & produção*. Trata-se de uma coletânea de artigos de autores diversos, organizada por Geraldi – o qual assina alguns capítulos na obra. Assim, ao nos referirmos ao conjunto de textos publicados por Geraldi na obra, usamos apenas o ano. Contudo, ao fazermos citações diretas de trechos dos diferentes capítulos escritos por Geraldi, indicamos cada um com as letras a, b, c, d, e.

ⁱⁱ Para Bakhtin (2011[1979]), o texto apresenta dois polos: o da língua como sistema e o da língua como discurso, isto é, como enunciado. Nesse último, o texto não pode ser compreendido dissociado do seu contexto de produção, das condições e da situação de interação. Assim, o texto-enunciado é único e irrepetível, apresenta locutor e interlocutor, tem uma função ideológica e dialoga com outros textos-enunciados e discursos já produzidos socialmente.

ⁱⁱⁱ Geraldi (1984) discorre sobre três diferentes concepções de linguagem e sua relação com o ensino de LP: 1) linguagem como expressão do pensamento, que estabelece relações de concordância com o subjetivismo individualista tratado por Volóchinov (2018[1929]); 2) linguagem como instrumento de comunicação, que tem influência da corrente teórico-filosófica a qual Volóchinov (2018[1929]) denominou de objetivismo abstrato; e 3) linguagem como forma de interação, que compreende a linguagem como forma de interagir e agir sobre o mundo e se aproxima da compreensão dialógica de linguagem (CDL) do Círculo de Bakhtin.

^{iv} Uma vez que, conforme Polato (2017), a PAL que Geraldi (1984, 1997[1991]) propõe “[...] está naturalmente ancorada nos pressupostos do dialogismo do Círculo de Bakhtin [...]” (Polato, 2017, p. 204), levamos em conta que em tal perspectiva os conceitos de língua e linguagem se imbricam, uma vez que, conforme os estudos do Círculo de Bakhtin, uma comporta a outra e, por isso, optamos por tratá-las como *língua(gem)*.

^v Para compreender mais sobre o assunto sugerimos a leitura de: Bilhar de Souza, Tatiana Fasolo. **Compreensões sobre a Prática de Análise Linguística em documentos parametrizadores do estado do Paraná: um panorama histórico dos últimos 30 anos**. 2023. (380 p.). Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel.

^{vi} O conceito de Prática de Análise Linguística foi introduzido por João Wanderley Geraldi em 1981, quando o autor publicou o texto *Subsídios metodológicos para o ensino de língua portuguesa* no Caderno da FIDENE nº 18. No entanto, como esse texto foi republicado, com algumas modificações, nos capítulos “Concepções de linguagem e ensino de português” e “Unidades básicas do ensino de português”, na obra *O texto na sala de aula: leitura & produção* (1984), tornando-se mais conhecido nessa versão, consideramos como marco inicial da proposta o ano 1984.

^{vii} Trata-se de uma entrevista que Geraldi concedeu, em 2002, para a pesquisa de Mestrado de Luzia de Fátima Paula. A entrevista está publicada no livro “O texto na sala de aula: um clássico sobre o ensino de LP”, de 2014.

^{viii} Em seu artigo *Criatividade e Gramática* – em que não se cita o termo “análise linguística” –, Franchi (2006[1988]) nos apresenta a diferenciação entre *atividades linguísticas*, os usos que fazemos da linguagem; *epilinguísticas*, a reflexão sobre os recursos expressivos usados nas atividades linguísticas; e *metalinguísticas*, quando usamos a linguagem para construir classificações e estabelecer definições sobre a língua. É importante lembrar, contudo, que o conceito de epilinguismo não se origina com Franchi. Romero (2011) explicita que esse conceito surge com o linguista francês Antoine Culioli, conhecido no Brasil pela Teoria das Operações Enunciativas. No texto, a pesquisadora mostra como o epilinguismo, entendido como “atividade

interna não consciente que representa a própria atividade de linguagem para Antoine Culioli” (Romero, 2011, p. 152), manifesta-se em estudo de Carlos Franchi.

^{ix} Referimo-nos à obra em sua primeira edição, publicada pela ASSOESTE, em 1984, uma vez que ela traz a proposta inicial de PAL de Geraldi para o ensino de LP. Anos mais tarde, em 1995, a editora Ática comprou seus direitos e tornou a publicá-lo com algumas alterações nos capítulos e a inclusão de notas de rodapé.

^x Os capítulos que compõem a obra original (e seus autores) são: 1) Ensinar Português? (Milton José de Almeida); 2) As Sete Pragas do Ensino de Português (Carlos Alberto Faraco); 3) A Linguística e o Ensino de Língua Materna (Ester Gebara, Jonas de Araújo Romualdo e Tânia Maria Alkmin); 4) Gramática e Política (Sírio Possenti); 5) Concepções de Linguagem e Ensino de Português (João Wanderley Geraldi); 6) Unidades Básicas do Ensino de Português (João Wanderley Geraldi); 7) Às vezes ela mandava ler dois ou três livros por ano (Lilian Lopes Martin da Silva); 8) Prática de Leitura de Textos na Escola (João Wanderley Geraldi); 9) O Circuito do Livro e a Escola (Maria Nilma Goes da Fonseca e João Wanderley Geraldi); 10) Em Terra de Surdos-Mudos: um estudo sobre as condições de produção de textos escolares (Percival Leme Britto); 11) Escrita, Uso da Escrita e Avaliação (João Wanderley Geraldi).

^{xi} Nesse caso, a gramática é concebida como um manual com regras para falar e escrever bem, para a qual são aceitas como corretas apenas as formas linguísticas presentes em tal manual.

^{xii} Travaglia (2021[1996]) destaca que, a partir principalmente da década de 1960, ganharam corpo correntes de estudo que tratam não só do sistema formal da língua, mas também de questões relacionadas ao contexto em que o uso da linguagem verbal ocorre e à variação linguística. Essas teorias, que incluem a Linguística Textual, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação, a Semântica Argumentativa, a Sociolinguística, entre outros, podem ser reunidas sob o título geral de Linguística da Enunciação. Segundo Costa-Hübes (2008), o que estas correntes têm em comum é o fato de elevarem a interação social à condição de princípio explicativo dos fatos da língua. “Amparadas neste pressuposto, não mais trataram do estudo de palavras ou de frases isoladas, mas relacionadas ao texto, ao contexto sócio-histórico e ao(s) usuário(s) que as produziram” (Costa-Hübes, 2008, p. 109).

^{xiii} Nos anos seguintes à publicação de *O texto na sala de aula: leitura & produção*, como relata Paula (2010), Geraldi assessorou secretarias estaduais e municipais de educação do país, colaborando na elaboração de suas propostas curriculares, e participou da Comissão Nacional para Elaboração de Diretrizes para o Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa, do Ministério da Educação, em 1986.

^{xiv} Geraldi refere-se ao “processo de compreensão ativa e responsiva” (Geraldi, 1997[1991], p. 19), que corresponde à responsividade ativa do Círculo de Bakhtin, a qual faz com que todo enunciado seja um elo na cadeia da comunicação discursiva, estabelecendo *relações dialógicas* – embora Geraldi (1997[1991]) não use tal termo – com enunciados e discursos passados (e futuros), construindo algo novo a partir do dado.

^{xv} Destacamos aqui o diálogo de Geraldi (1997[1991]) com Ducrot, considerado o pai da Semântica Argumentativa, o qual propõe um estudo da hierarquização dos argumentos no texto, debruçando-se, para tal, sobre os operadores argumentativos, palavras que orientam essa argumentação. Novamente, destaca-se que a proposta de PAL de Geraldi (1997[1991]), embora calcada na concepção de língua(gem) como forma de interação, compõe-se de uma base teórica heterogênea, ecoando vozes de diferentes correntes dos estudos linguísticos.

^{xvi} Ao afirmar que Geraldi (1997[1991]) pauta-se numa compreensão interacionista de linguagem com contornos dialógicos, enfatizamos que o autor concorda com a importância do extraverbal na constituição dos enunciados, e esboça uma preocupação para com os discursos nesse contexto, o que ainda não aparecia em *O texto na sala de aula: leitura & produção*. Destacamos isso porque, embora afirmemos que a proposta do autor em ambas as obras esteja subsidiada por uma concepção interacionista de linguagem, isso não quer dizer, necessariamente, que se trate da concepção dialógica de linguagem postulada pelo Círculo de Bakhtin. A concepção dialógica de linguagem é sim interacionista, uma vez que considera a interação como base existencial da língua(gem). Contudo, nem todos que adotam uma concepção interacionista de linguagem compreendem-na na perspectiva do dialogismo bakhtiniano, segundo o qual a língua(gem) se efetiva em enunciados concretos e únicos, que expressam um posicionamento axiológico sobre seu objeto de discurso, e estabelecem relações dialógicas com outros enunciados e discursos sociais. Assim, embora Geraldi (1984, 1997[1991]) estabeleça

aproximações com os pressupostos do Círculo sobre a língua(gem), pautando-se, por vezes, diretamente em seus escritos, é só na segunda obra (*Portos de Passagem*) que observamos uma perspectiva mais voltada aos discursos e ao dialogismo e, por isso, caracterizamos a concepção de linguagem em nessa obra como interacionista com contornos dialógicos. Para mais informações a respeito do interacionismo na linguística, recomendamos a leitura de: Morato, Edwiges Maria. O interacionismo no campo linguístico. In: Mussalim, Fernanda; Bentes, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**, volume 3. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011. p.311-351.

^{xvii} Para compreender melhor a respeito da relação da proposta de PAL geraldiana com a BNCC, sugerimos a leitura da seguinte pesquisa: Santos-Clerisi, Gabriela Debas dos. **Reverberações dos Estudos Dialógicos da Linguagem no discurso da BNCC: em torno do objeto discursivo prática de análise linguística/semiótica**. 2020. 328p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Catarina – UFSC, Florianópolis, 2020.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. [1979]. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BILHAR DE SOUZA, Tatiana Fasolo. **Compreensões sobre a Prática de Análise Linguística em documentos parametrizadores do estado do Paraná: um panorama histórico dos últimos 30 anos**. 2023. (380 p.). Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRITO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1997.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. **O processo de formação continuada dos professores do Oeste do Paraná: um resgate histórico-reflexivo da formação em Língua Portuguesa**. 2008. 382 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, 2008.

COSTA-HÜBES, Terezinha da C. Reflexões sobre os encaminhamentos de produção textual: enunciados em diálogo com outros enunciados. In: **Anais do X Encontro do CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**. Cascavel-PR: UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; SILVA, Lilian Lopes Martin da. O texto na sala de aula: entre diferentes edições. In: SILVA, Lilian Lopes Martin da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; MORTATTI, Maria do Rosário Longo.

O texto na sala de aula: um clássico sobre o ensino de língua portuguesa. Campinas/SP: Autores Associados, 2014. p. 29-47.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de Linguagem e Ensino de Português. In: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula: leitura & produção.** Cascavel: ASSOESTE, 1984a. p. 41-48.

GERALDI, João Wanderley. Introdução. In: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula: leitura & produção.** Cascavel: ASSOESTE, 1984b. p. 5-6.

GERALDI, João Wanderley. Unidades Básicas do Ensino de Português. In: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula: leitura & produção.** Cascavel: ASSOESTE, 1984c. p. 49-69.

GERALDI, João Wanderley. Prática de Leitura de Textos na Escola. In: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula: leitura & produção.** Cascavel: ASSOESTE, 1984d. p. 77-89.

GERALDI, João Wanderley. Escrita, Uso da Escrita e Avaliação. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula: leitura & produção.** Cascavel: ASSOESTE, 1984e. p. 121-124.

GERALDI, João Wanderley. [1991]. **Portos de Passagem.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, João Wanderley. Por que práticas de produção de textos, de leitura e de análise linguística? In: SILVA, Lilian Lopes Martin da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **O texto na sala de aula: um clássico sobre o ensino de língua portuguesa.** Campinas/SP: Autores Associados, 2014. p. 207-222.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem, Interação e Ensino.** 1990. 334p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas – UNICAMP, 1990.

FRANCHI, Carlos. Criatividade e Gramática. [1988]. In: POSSENTI, S. (org.). **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 34-101.

KUIAVA, José. O nascimento do livro: O texto na sala de aula. In: SILVA, Lilian Lopes Martin da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **O texto na sala de aula: um clássico sobre o ensino de língua portuguesa.** Campinas/SP: Autores Associados, 2014. p. 61-82.

MORATO, Edwiges Maria. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à**

Linguística: fundamentos epistemológicos, volume 3. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 311-351.

PAULA, Luzia de Fátima. O projeto do “Wanderley”: entrevista com João Wanderley Geraldi. In: SILVA, Lilian Lopes Martin da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **O texto na sala de aula: um clássico sobre o ensino de língua portuguesa**. Campinas/SP: Autores Associados, 2014. p. 179-206.

PAULA, Luzia de Fátima. **Ideias linguísticas constitutivas do pensamento de João Wanderley Geraldi sobre o ensino de língua portuguesa**. 2010. 247p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília/SP, 2010.

PERFEITO, Alba Maria. PERFEITO, Alba Maria. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In: MENEGASSI, Renilson José; SANTOS, Annie Rose dos; RITTER, Lilian Cristina Buzato (org.). **Concepções de Linguagem e ensino**. Maringá: Eduem, 2005. p. 11-38.

POLATO, Adriana Delmira Mendes. **Análise Linguística: do Estado da arte ao estatuto dialógico**. 2017. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

POLATO, Adriana Delmira Mendes; MENEGASSI, Renilson José. Epistemologia teórica do nascimento da Prática de Análise Linguística: décadas de 80 e 90. In: ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 21-72.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. A Prática de Análise Linguística: emergência, reenunciações, abrangência e produtividade do conceito. In: ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 73-106.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; ROHLING, Nivea. **Concepções de análise linguística na formação inicial de professor de língua portuguesa**. *Fórum Linguístico*, v. 12, p. 827-843, 2015.

RODRIGUES, Rosângela Hammes; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. **Linguística Aplicada**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

ROMERO, Márcia. Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi. *ReVEL*, v. 9, n. 16, 2011, p.152-163.

ROSA, Douglas Corrêa da. **Encaminhamentos de Produção de textos nos anos iniciais: um exercício de escrita ou uma atividade de interação?** 2014. *Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão*, v. 13, n. 25, jan./jun. 2024 <https://doi.org/10.33871/22386084.2024.13.25.123-151>

232f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Cascavel.

SANTOS-CLERISI, Gabriela Debas dos. **Reverberações dos Estudos Dialógicos da Linguagem no discurso da BNCC**: em torno do objeto discursivo *prática de análise linguística/semiótica*. 2020. 328p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Catarina – UFSC, Florianópolis, 2020.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. [1996]. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática. Livro Eletrônico (Kindle), 1. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). [1929]. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.